

Turismo, cultura e velhice bem-sucedida: contribuições para a elaboração de atividades turístico-culturais para idosos no contexto de fazendas históricas paulistas

Dissertação de mestrado em Gerontologia
defendida em 2010 na Faculdade de Ciências
Médicas (FCM-Unicamp).
Orientadora: Profa. Dra. Olga R. M. von Simson

LÍVIA MORAIS GARCIA LIMA
E-mail: liviaomoraes@hotmail.com

A presente pesquisa [1] propõe discutir perspectivas para a melhoria da qualidade de vida do cidadão idoso voltadas para o uso cultural do lazer, por meio de propostas de atividades de educação patrimonial não-formal e turismo cultural, no contexto das fazendas históricas paulistas, selecionadas pelo projeto em Políticas Públicas em andamento denominado: Patrimônio Cultural Rural Paulista: espaço privilegiado para pesquisa, educação e turismo (Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas - CMU/ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp), fase 2, ao qual esta pesquisa está vinculada.

O projeto Fapesp/CMU reúne dezoito propriedades em regiões significativas do Estado de São Paulo, sendo essas definidas

pelos núcleos regionais compostos pelas cidades de Campinas, Limeira-Rio Claro, São Carlos-Araraquara, Itu, Mococa-Casa Branca e Vale do Paraíba. O projeto tem como objetivo principal disponibilizar um conjunto de instrumentos e de metodologias de gestão, de conservação e de difusão para os responsáveis por esse patrimônio cultural rural, tanto os proprietários quanto as respectivas instâncias públicas pertinentes à área da cultura, da educação e do turismo.

Segundo o coordenador do projeto, Marcos Tognon, “o Patrimônio Cultural Rural pode ser definido como o conjunto de registros materiais e imateriais decorrentes das práticas, dos costumes e das iniciativas produtivas que se estabelecem, historicamente e territorialmente, na área rural”. (TOGNON, 2007, p: 2)

O pesquisador responsável pelo Programa de Pesquisas em Políticas Públicas (PPPP/Fapesp) ainda ressalta que tal Patrimônio Cultural Rural possui um perfil múltiplo, em escalas e tipologias, que contemplam não só as fazendas históricas e os complexos produtivos antigos, mas também usinas e barragens para a implementação das pioneiras redes de produção e distribuição de energia elétrica do campo e da cidade, pontes, diques, ferrovias, enfim, registros edificados no território agrário que se somam aos acervos artísticos, bibliotecas, arquivos, equipamentos e máquinas, festas e arte popular, hábitos, costumes, crenças e modos de fazer.

Por se tratar de um quadro complexo de questões que exigem uma abordagem ampla e multidisciplinar o projeto propõe um grupo de pesquisa estruturado em três núcleos temáticos: Inventário e Catalogação, Preservação e Sustentabilidade e Educação Patrimonial e Turismo,

A atual pesquisa está vinculada ao núcleo temático Educação Patrimonial e Turismo e selecionou duas fazendas, das quatorze integrantes que foram definidas a partir do universo abrangido pelo projeto em políticas públicas mencionado. As fazendas selecionadas para o projeto de mestrado foram a Fazenda Quilombo, localizada no município de Limeira (SP) e a Fazenda Pinhal, localizada no município de São Carlos (SP).

Assim, o objetivo geral da presente

pesquisa é investigar e analisar as formas pelas quais as duas propriedades rurais históricas paulistas selecionadas se preocupam em proporcionar atividades voltadas para idosos, trabalhando o turismo cultural no espaço rural com uma preocupação voltada à educação patrimonial não-formal e sob um enfoque qualitativo.

Nas últimas décadas, estudos e projeções estatísticas mundiais vêm demonstrando “o crescente envelhecimento populacional em países desenvolvidos e de maneira substancial em países subdesenvolvidos”. (HOOVER e SIEGEL, 1986: 35-36) Para muitos pesquisadores o grande desafio para os países de Terceiro Mundo, que são carentes em vários aspectos, é fornecer melhoria de qualidade de vida aos que já envelheceram e aos que estão no processo de envelhecimento.

Conforme estimativas para o ano de 2050, países escolhidos para efeito de comparação internacional, conhecidos como BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) possuem ao todo cerca de 273 milhões de pessoas de 60 anos ou mais de idade, o que corresponde a 40,6% da população idosa mundial. (IBGE, 2008) No Brasil, entre 1950 e 2025, a população, como um todo, crescerá em torno de cinco vezes, enquanto que o crescimento da população idosa será da ordem de quinze vezes. Assim, “o Brasil será em 2025 a sexta maior população de idosos no mundo”. (KALACHE e GRAY, 1985: 51-55)

Alguns autores destacam a idéia da constituição da velhice como problema social, “não podendo ser entendida apenas como resultado mecânico do crescimento do número de pessoas idosas, como tende a sugerir a noção de “envelhecimento demográfico” usada para justificar o interesse social pela questão”. (DEBERT, 1994: 57-60)

Assim, destacamos a idéia de que para se usufruir da velhice é preciso dispor de políticas adequadas que possam garantir o mínimo de condições de qualidade de vida, para os que atingem a idade avançada e sem dúvida, “o lazer representa um marco importante nessa disponibilidade”. (SOUZA, 2002: 49)

O entendimento do que seja o lazer e o turismo na terceira idade necessita da “compreensão da velhice como continuidade de um processo natural da vida e da heterogeneidade bio-psico-social do indivíduo que a vivencia”. (CAMPOS, 2003: 47-50) Ampliando esse conceito, podemos dizer que a velhice de um indivíduo é construída pela estrutura biológica, por seu capital cultural e social e por suas crenças e valores, como resultado de tudo aquilo que vivenciou. Faz parte da noção de heterogeneidade da velhice a proposta de vê-la como um fenômeno não só biológico, mas também como uma etapa da vida construída socialmente e permitir ao velho ser consciente de sua importância como sujeito social. “Pensar a velhice de

maneira não total é estabelecer uma determinação do biológico sobre todos os outros aspectos que explicam o envelhecimento”, (MERCADANTE, 1998: 60-64) ou seja, não devemos restringir a velhice apenas a análise de suas características biológicas.

Assim, apesar de considerar o crescente número de idosos integrando a sociedade brasileira com os outros segmentos etários, estamos procurando investigar as novas interpretações e formas do uso cultural do lazer e a vivência do lazer turístico através da educação patrimonial não-formal, associadas ao envelhecimento. “Uma das importantes necessidades afetivas dos idosos é a alegria, que se associa à exploração do ambiente, por exemplo, por meio do lazer”. (TEIXEIRA; NERI, 2008: 90) Nesse sentido, afirma DUMAZEDIER (1994: 34):

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Do ponto de vista dos estudiosos do assunto, alguns revelam que ainda não há consenso sobre o que seja lazer, “o que gera dificuldades para abordagens do tema, programação de atividades, difusão do concei-

to e compreensão dos juízos de valor associados ao termo”. (MARCELLINO, 1983: 45) O autor destaca, entretanto, a existência de pelo menos duas grandes linhas conceituais relacionadas a esta temática: a que se fundamenta na variável atitude, considerando o lazer como um estilo de vida; portanto independente de um tempo determinado e a que introduz o critério tempo como uma variável; o lazer só se realiza num espaço de tempo específico, que não se confunde com o tempo dedicado ao trabalho ou à prática de outras responsabilidades (familiares, sociais, políticas, religiosas etc.). O lazer é, então, situado como “tempo liberado” do trabalho ou como “tempo livre”, não só do trabalho, mas dessas outras obrigações, enfatizando-se a qualidade das ocupações desenvolvidas.

O estudo realizado por estudiosos do assunto, afirma que “em viagens curtas ou passeios de apenas um dia de duração, idosos têm diferentes tipos de expectativas. Desejam fazer novas amizades, descansar ou participar de atividades físicas”. (SOUZA et al, 2008: 77-79) Assim, baseados nos resultados obtidos, as autoras oferecem às empresas que organizam viagens para idosos, algumas sugestões como viagens com passeios a locais de interesse histórico-cultural, e que os guias forneçam explicações sobre a história do local visitado. Isso vem ao encontro com o objetivo da presente pesquisa, trabalhando o turismo cultural

no espaço rural visando atividades sócio-culturais que sejam educativas e prazerosas e considerando o meio rural como uma experiência diferenciada de lazer para os idosos e as fazendas históricas como o atrativo turístico, conforme assinala JUNIOR (2001: 23):

O turismo é um fenômeno extremamente complexo, mutável, que opera de múltiplas formas e nas mais diversas circunstâncias, sendo difícil apreendê-lo, em sua totalidade, por meio de uma única perspectiva teórica ou mesmo de uma única ciência.

O turismo pode ser abordado como objeto de estudo sob três perspectivas: “como fenômeno (conceituação), como produto (suas características) ou como oferta (bem a ser comercializado)”. (BACAL, 2003: 110) Como fenômeno, é nítido nos meios acadêmicos a dificuldade em conceituar o turismo. Define-se turismo como objeto formal de alguma ciência específica, isto é, definições nas áreas econômica, psicológica, sociológica etc.

Na presente pesquisa adotamos o ponto de vista social, que oferece ao indivíduo “oportunidades de relacionamentos espontâneos e gratificantes com pessoas que podem lhe dar um enriquecimento por meio de informações não conhecidas e vivências diferentes, focando em atividades que sejam educativas e prazerosas”. (BACAL, 2003: 113-115) Têm-

se o destaque aos elementos motivacionais e a relação com várias dimensões, nas quais o turismo pode gerar repercussão social, econômica e cultural, reforçando a sua suscetibilidade de ser campo de estudo e de interesse de várias ciências sociais.

Pode-se perceber a amplitude que a atividade turística possui e que ela remete a uma série de tipologias de turismo. E a tipologia de turismo que dialoga com o patrimônio cultural se refere justamente ao turismo cultural, que estaria relacionado a todo turismo cujo principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana. (BARRETT0, 2001: 57)

A atual pesquisa se preocupa em definir o turismo cultural no espaço rural estabelecendo uma relação com os espaços históricos das fazendas paulistas selecionadas, produzindo um conhecimento mais amplo do turismo como fenômeno social.

Assim faz-se necessário conceituarmos o turismo no espaço rural. Segundo Silva,

Ele consiste em atividades de lazer realizadas no meio rural e que abrangem várias modalidades definidas com base em seus elementos de oferta: turismo rural, turismo ecológico ou ecoturismo, turismo de aventura, turismo esportivo, turismo de negócios, turismo jovem, turismo social, turismo de saúde e turismo cultural. (SILVA, 1998: 32-36)

Dessa maneira, “o turismo cultural é baseado no patrimônio histórico, arquitetônico, cultural e artístico enquanto produto da atividade humana, onde instalações abrem as portas para a exploração do passado”. (FAUSTINO, 2006: 23-26) sendo compatível e “comprometido com o fortalecimento da identidade, a preservação da memória e do patrimônio cultural em lugares de destinação turística”. (FREIRE E PEREIRA, 2002: 16-18) O turismo cultural se viabiliza, portanto, em grande parte, através da interpretação planejada e realizada junto com a comunidade.

A intenção, com as reflexões trazidas pela presente pesquisa, foi refletir sobre o crescimento do mercado turístico e a criação de uma nova linguagem em oposição às antigas formas de tratamento dos velhos: a terceira idade ou a melhor idade substituiu a velhice; a aposentadoria ativa se opõe à aposentadoria inativa; o asilo passa a ser chamado de centro residencial. Os significados do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: nova juventude, idade do lazer, idade de ouro. [2] Da mesma forma, invertem-se os signos da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento, para tornar-se um período de constante atividade, em que o velho torna-se somente um consumidor em potencial.

O uso da designação “terceira idade” ou “melhor idade” ao invés de velhice vêm provocar um novo sentido que seria o sen-

tido da não-velhice, negando o sentido histórico da velhice como declínio, incapacidade, fragilidade e como fase de resignação às perdas da beleza e da capacidade físico-cognitiva. “Essa nova sensibilidade considera a juventude como um valor dissociado à categoria etária, que deve ser preservado na vida das pessoas envelhecidas”. (OLIVEIRA, 2009: 10-18)

Assim, o turismo se caracteriza por possuir imensa capacidade de adaptação e de segmentação de seu mercado, moldando-se ante as dinâmicas de estruturação de novos produtos e também em novos mercados consumidores. É desta forma que o turismo para a “melhor idade” aparece como fruto da segmentação turística, crescentemente ocupando espaço e ganhando visibilidade no contexto em que se desenvolve o turismo e sob o novo conceito de envelhecimento adotado pela sociedade moderna. Também sobre a concepção de velhice ativa atrelada à idéia de terceira idade, “essa expressão e os movimentos que se organizam em torno dela indicam mudanças radicais na forma como o envelhecimento é visto, deixando de ser compreendido como decadência física, perda de papéis sociais e retraimento”. (DEBERT, 1999: 58) A autora cita como exemplo o grande número de programas para a “terceira idade” no Brasil, como os grupos de convivência, as escolas abertas e as universidades.

Na análise que empreende das formas

de tratamento como terceira idade, melhor idade, idade de ouro, idade legal, dentre outras, considera que são subterfúgios semânticos, palavras apazíveis, mas têm o propósito de encobrir a velhice, (NERI, 2007: 41) portanto, permanecerão nessa pesquisa em suspensão. “A escolha pelo vocábulo “terceira idade” ou “melhor” idade, em detrimento da palavra velhice, encobre um debate mais importante, que é a função social da velhice na nossa sociedade”. (PARK, 2005: 70-78) Para a autora, o uso de eufemismos como esses tende a privilegiar a discussão em torno da longevidade, cujo foco passa a ser o combate à velhice, uma grande preocupação da contemporaneidade, em meio a investimentos ideológicos voltados a essa faixa etária, em que o velho é alvo como um mercado consumidor crescente.

Assim, assumimos o termo velho ou idoso pelo fato destas categorias delimitarem com maior clareza as representações pelas as quais a velhice vem passando.

HISTÓRIA ORAL COMO BASE PARA ESTRUTURAR O TURISMO CULTURAL

A história oral e o turismo cultural têm alguns aspectos em comum que os autores abaixo citados elencam:

A democratização do conhecimento sobre o passado e o reconhecimento das diferentes vozes que o traduzem no presente; o interesse em se aproximar do “senso comum” e em ampliar

o acesso aos bens culturais e aos testemunhos da história; o interesse pela memória e a construção da identidade coletiva. (MURTA e ALBANO, 2002: 123)

Para a interpretação do patrimônio e seu correlato planejamento interpretativo, conforme conceituado por Murta e Albano, são fundamentais os relatos orais e o seu registro por meio de diferentes suportes escritos e audiovisuais. Para as autoras as expressões locais – falas do tempo, memória que repousa no imaginário coletivo, de onde também brota a criatividade humana, representam um recurso importante que amplia e aprofunda a participação da comunidade, contribuindo de forma especial para desenvolver um sentido de lugar, transmitir seus valores, sua ecologia e sua história para as novas gerações.

A presente pesquisa utiliza uma metodologia de caráter qualitativo com ênfase no método biográfico ou da história oral em associação com registros em diário de campo e a produção de registros fotográficos das visitas observadas.

“A pesquisa qualitativa não utiliza uma amostra estatisticamente significativa e sim aponta direções e encaminha possíveis explicações para os fenômenos sociais em estudo”. (LANG, 2001: 93) Na avaliação da autora, a metodologia da história oral foi empregada com tanto sucesso pelos cientis-

tas sociais que foi encarada como a técnica por excelência, sendo complementar às metodologias quantitativas. Assim, o relato oral constituía sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber e sua transmissão diz respeito tanto ao passado mais longínquo, quanto ao passado muito recente, a experiência do dia a dia.

O método da história oral, “busca conhecer o passado recorrendo à memória do narrador. Nesse método a rememoração de fatos é empregada no processo de reconstrução da realidade sociocultural”. (SIMSON, 2008: 34-40) Para a autora, o instante do recordar implica o lembrar e o imaginar, pois apenas traços destas experiências podem ser construídos; elas nunca serão representadas, trazidas para o presente de novo, tais como ocorreram no passado. Essa rememoração pode ter um caráter mais pessoal e afetivo mas “pode ser também um instrumento político ou um critério de definição da verdade, sendo a memória uma ligação entre passado e presente”. (BRITO, 1989: 21-24)

Assim, realizou-se primeiramente um levantamento do patrimônio imaterial que se apresenta nas dezoito fazendas históricas paulistas selecionadas pelo projeto em Políticas Públicas PPPP/Fapesp, através de entrevistas abertas para a rememoração dos saberes tradicionais rurais com os proprietários e funcionários mais antigos em fazendas que realizam atividades educacionais e turísticas no espaço da propriedade. Para a entrevista,

elaboramos previamente um roteiro de questões, tendo por base os itens lendas e causos, festas e comemorações, culinária típica da fazenda, atividades musicais, artesanato e remédios caseiros à base de plantas.

Através desse levantamento pudemos conhecer melhor o universo das fazendas históricas, e dessas, dizer quantas se dedicam ao turismo cultural e a educação patrimonial. Também foi realizado o levantamento das atividades turísticas em espaço rural já realizadas no contexto das fazendas visitadas, através de entrevistas com os proprietários e o levantamento das atividades de educação patrimonial, ouvindo gerentes e monitores. Posteriormente realizamos a transcrição de entrevistas com seis idosos que participaram de atividades turísticas – culturais: quatro deles à Fazenda Quilombo, e dois à Fazenda Pinhal. Também realizamos entrevista com a agente de viagens responsável por um dos grupos que visitaram a Fazenda Quilombo, para ao final desse processo efetuar o fichamento temático das entrevistas.

“O momento da entrevista é como um evento interativo, uma performance que envolve as atividades de ambos: o entrevistador e o entrevistado, permitindo compreender a entrevista como uma construção reflexiva”. (DAVIS, 2003: 11-15)

No caso do patrimônio imaterial das fazendas históricas paulistas, “o relato oral

se apresenta como técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não conservado, o que desapareceria se não fosse anotado, serve para captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível”. (QUEIROZ, 1988: 15)
O autor vai além:

A história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas também recolhe destes tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo, assim como relatos que contadores de histórias, poetas, cantadores inventam num momento dado. (QUEIROZ, 1988: 19)

Em relação aos registros em diário de campo, “são nas notas de caderno de campo que estão registrados todos os aspectos da construção da relação entre entrevistador e os vários entrevistados, as percepções e os *insights* que aconteceram durante a longa série de contatos e visitas ao campo”. (SIMSON e GIGLIO, 2001: 66-71) No caso da presente pesquisa, o diário de campo foi um instrumento imprescindível para o registro de observações e as impressões das idas às fazendas históricas, tanto em relação ao contato com os depoentes selecionados, como da comunicação com os proprietários e funcionários mais antigos da propriedade.

A escolha de duas fazendas para a realização da presente pesquisa se justifica pelos proprietários possuírem formação

universitária e incorporarem uma preocupação com a educação patrimonial em atividades voltadas para idosos que ocorrem na fazenda.

A Fazenda Quilombo, localizada no município de Limeira (SP) foi a primeira propriedade selecionada pela pesquisa. A propriedade ao longo de sua história recebeu um grande número de trabalhadores imigrantes de origem italiana, alemã e espanhola. Sua sede construída em 1892 permanece em excelente estado de conservação, assim como galpões e outras dependências para guarda de grãos. Atualmente, é uma das únicas fazendas históricas paulistas a manter a atividade da cafeicultura, em pequena escala para consumo próprio e venda de café em pó ou em grão para os visitantes, além da criação de cavalos quarto de milha e puro sangue inglês usados em competições de pólo e hospedagem no período em que não estão em intensa atividade esportiva.

A segunda propriedade selecionada pela presente pesquisa foi a Fazenda Pinhal localizada no município de São Carlos (SP). A propriedade compreende diferentes espaços (construídos ou naturais) como a casa grande, os terreiros, a tulha, o pomar, a antiga senzala, pastos, plantações, dois ribeirões e uma mata ciliar nativa. A propriedade rural foi uma grande produtora de café em meados do século XIX no município de São Carlos. Em decorrência

desse passado e da conservação de seu patrimônio material, em 1981, a propriedade foi tombada pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo), e em 1987 foi declarada Patrimônio Histórico e Artístico Nacional pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico-Nacional).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora fiquem nítidas, através da fala dos informantes, as diferenças socioeconômicas e culturais entre os diversos grupos observados, a visita à fazenda parece representar para todos eles um momento de prazer, adquirindo significado de extrema importância para o idoso, porque pode representar a fuga da rotina e do isolamento ou até a concretização de um sonho, que pela ruptura do cotidiano amplia horizontes históricos e possibilidades de convivência social.

A contribuição dessa pesquisa passa também pela discussão da condição do velho frágil versus aquela do velho ativo, criado pela “ditadura” da juventude, imposta pela sociedade atual que quer transformar todo velho em um velho participante. É necessária a discussão, principalmente no meio turístico sobre o direito de ser velho, através de viagens e passeios que levem em conta as condições reais do indivíduo, uma

vez que a interpretação inadequada da velhice bem-sucedida pode se apresentar como uma espécie de negação da velhice, o que tentaria ocultar as fragilidades da idade e retiraria deles o direito de ser velho, com suas respectivas limitações.

Trabalhamos a relação velhice e turismo em uma perspectiva educacional não-formal e não apenas na perspectiva operacional como é feito nas áreas mais tradicionais do turismo, como a da gestão hoteleira ou a da administração das empresas turísticas. É necessário assim, que os profissionais de turismo que em suas atividades lidam diretamente com idosos, conheçam as particularidades desse público e respeitem sua autonomia e suas limitações para evitar atitudes que reforcem os preconceitos a respeito do velho frágil.

A pesquisa finalmente constatou em situação de visita às fazendas recebendo idosos e os grupos selecionados, o prazer de construir um conhecimento sobre o passado rural que também poderia ser um passado de outras gerações da família, sem restrições curriculares, sem cobranças avaliativas e envolvendo memórias orais partilhadas por várias gerações.

Podemos indicar como constatação principal dessa pesquisa em termos práticos, que as propostas de turismo cultural ou educação patrimonial para idosos devem ser elaboradas visando o atendimento de grupos reduzidos e formados segundo

o desejo e a seleção dos próprios idosos, para que sua efetividade e prazer alcancem os níveis desejados. A oferta de turismo de massa [3] para essa faixa etária e para os espaços patrimoniais das fazendas se mostra desaconselhável, tanto para o público a ser atendido, que não verá suas demandas adequadamente respondidas como para os espaços turísticos a serem explorados que poderão sofrer sérios desgastes, em seu frágil patrimônio cultural rural.

Observamos que o turismo cultural no espaço rural parte da constatação de que deve prover atividades turístico-culturais com infraestrutura e facilidades instaladas em propriedades, tanto aquelas de pequenos produtores rurais, como neste caso nas fazendas históricas paulistas selecionadas. Estas são motivadoras e propiciadoras de trabalho para as famílias residentes no campo e geradoras de oportunidades de emprego, enquanto oferecem aos visitantes idosos situações originais para desfrutarem do ambiente rural vivenciando atividades e costumes ausentes do ambiente urbano.

Enfim, é necessário pensar em uma educação do uso do tempo livre, já na fase escolar, e que terá continuidade ao longo da vida a partir de propostas de lazer que visem os interesses, as competências e as identidades do turista, seja ele idoso ou não, para que tais atividades ganhem signi-

ficado e não seja somente um passatempo vazio.

Desta forma, as experiências das visitas que acompanhamos durante o trabalho de campo, demonstraram que a conservação do patrimônio cultural rural pode ser entendida, sobretudo, como uma consequência do turismo cultural e da educação patrimonial não-formal. Sendo assim, a atividade turística contribuiu no sentido da valorização da cultura rural como um todo, através do patrimônio material (patrimônio arquitetônico) e do imaterial (saberes e fazeres). Além disso, é necessário considerar, de forma especial, os grupos menos favorecidos quanto à escolaridade e renda, nos quais imagens negativas em relação à velhice são mais comuns.

Como o turismo cultural no espaço rural se caracteriza por atividades em que os visitantes se identificam com as especificidades da vida rural, ou seja, aquelas que valorizam o ambiente rural a economia e a cultura local, esse turismo deve ser visto como algo que não pode ser implementado sem uma assessoria especializada, tanto no campo da cultura, como da gerontologia. Pode ser entendido como um processo que permite mobilizar todos os recursos do mundo rural, numa perspectiva de integração de todos os setores e atividades, desde o turismo na pequena propriedade ao da grande fazenda, ao artesanato, ao comércio local, aos eventos, à agroindústria, à pecuária e ao uso mo-

derado dos recursos florestais. É necessário, portanto, que o poder público (ao nível municipal, estadual e federal) se faça presente no papel de incentivador, mas ao mesmo tempo de planejador da atividade turística em meio rural.

Sugerimos que os proprietários com maior experiência na adaptação das fazendas, principalmente aquelas com atividades turísticas já implementadas, partilhem e discutam com seus pares as estratégias e táticas já desenvolvidas nesse processo. A busca de parcerias com empresas, assim como com órgãos públicos pode ser realizada em conjunto sob o “guarda-chuva” da Associação das Fazendas Históricas Paulistas.

As entrevistas realizadas com proprietários, moradores e funcionários das fazendas para a coleta de informações sobre patrimônio imaterial e sobre as atividades educativas a ele relacionadas, permitiram uma reflexão sobre a educação patrimonial e o turismo cultural no espaço rural voltadas para idosos, na atualidade. Percebemos que a programação e o atendimento às necessidades dos idosos devem ser elaboradas, no sentido de não transformá-los em turistas com necessidades especiais, mas levando em conta a fragilidade relativa de parte desse público.

Ao término dessa pesquisa, conclui-se que as atividades de turismo cultural no espaço rural e de educação patrimonial não-formal nas fazendas históricas paulistas selecionadas, podem ser desenvolvidas den-

tro de um mesmo propósito comum que envolve a própria noção de fazenda histórica. Porém, ao apresentar seus atrativos, cada propriedade faria, à sua maneira, de forma autônoma e original, uma apresentação das suas especificidades quanto a atrações e possibilidades de hospedagem e atendimento, tomando por base a história da propriedade no contexto da região. É necessária uma definição temática que se expressaria através dos roteiros turísticos propostos, capazes de mostrar o diferencial de cada uma delas.

“É de grande necessidade a busca pela compreensão do amplo campo de relação entre turismo e terceira idade e de estudos e investigações enfocando essa relação”. (CAMPOS, 2003: 133) Assim, o turismo voltado para os idosos, especificamente o turismo cultural em espaço rural, ainda é um campo em construção que pode permitir a elaboração de programas diversos para cada uma das fazendas pesquisadas.

Acreditamos desta forma, que esta pesquisa vem contribuir para a discussão das especificidades do campo Turismo & Velhice, suscitando assim novas discussões no âmbito da Gerontologia e do Turismo Cultural no espaço rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACAL, S. *Lazer e o Universo dos Possíveis*. São Paulo: Aleph, 2003.
- BARRETTO, M. *Turismo e Identidade Local: Uma Visão Antropológica*. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- CAMPOS, T.J. “Lazer e terceira idade: contributos do turismo no âmbito do Programa Clube da Melhor Idade”. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Gerontologia. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- DAVIS, K. *Biography as Critical Methodology*. Newsletter Research Committee of ISA, n. 38, Utrecht University, 2003.
- DEBERT, G. G. *Pressupostos da Reflexão Antropológica Sobre a Velhice*. Textos didáticos n. 13. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, pp. 7-30, 1994.
- FAUSTINO, R. F. “O turismo em espaço rural como modo de valorização do Patrimônio Cultural: estudos de caso na média depressão periférica paulista: o caso das Fazendas Capoava e Ibicaba”. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2006.
- FREIRE, D; PEREIRA, L, L. “História oral, memória e turismo cultural”. In: MURTA MM, ALBANO C. (Org). *Interpretar o Patrimônio: um Exercício do Olhar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- HOOVER, S. L; SIEGEL, J. A. *International Demographic Trends and Perspectives on Aging*. San Diego: Cult. Gerontology, 1986.
- JÚNIOR, A. B. “Turismo e antropologia no

- Brasil: estudo preliminar”. In: Junior AB; BARRETTO M. (Orgs). *Turismo e Identidade Local: Uma Visão Antropológica*. Campinas -SP: Editora Papirus, 2001.
- KALACHE, A; GRAY, J.A.M. Health problems of older people in developing world. In: Pathy, M.S.J. (Org). *Principles and practice of geriatric medicine*. New York, 1985.
- LANG, A.B.S.G. *História Oral: Procedimentos e Possibilidades*. São Paulo: Ceru, 2001.
- MARCELLINO, N.C. *Lazer e Humanização*. Campinas: Papirus, 1983.
- MERCADANTE EF. “Velhice: uma questão complexa”. In: CÔRTE B, MERCADANTE EF, ARCURI IG. (Org). *Velhice e Envelhecimento/Complexidade*. São Paulo: Vetor, 2005.
- NERI A. “Feminização da velhice”. In: NERI A. (Org). *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativa na Terceira Idade*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2007.
- OLIVEIRA, G.S.D. “Gestão e vivências de velhices nas Repúblicas de Idosos de Santos”. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2009.
- PARK. M. “Educação formal versus educação não-formal: impasses, equívocos e possibilidades de superação”. In: PARK, Margareth Brandini e FERNANDES, Renata Sieiro (Orgs). *Educação Não-formal: Contextos, Percursos e Sujeitos*. Campinas, SP: Unicamp/CMU; Holambra, SP: Editora setembro, p. 67 - 90, 2005.
- QUEIROZ, M. I. P. “Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’”. In: Simson, O. R. M. (Org). *Experimentos com Histórias de Vida (Itália - Brasil)*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.
- SILVA, J. G. “Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil”. In: ALMEIDA, J.A.; FROEHLICH, J. M; RIEDL, M, (Org.). *Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável*. Santa Maria: Centro Gráfico, 1998.
- SIMSON, O.R.M. “História oral, memórias compartilhadas e empoderamento: um balanço de experiências de pesquisa”. Texto apresentado em Simpósio realizado na Universidade de Concórdia no Canadá, 2008.
- SIMSON, O.R.M; GIGLIO, Z.G. “A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida”. In: *Desenvolvimento e Envelhecimento: Perspectivas Biológicas, Psicológicas, Sociológicas*. NERI AN. (Org). Campinas, SP: Papirus, 2001. (Coleção Vivacidade).
- SOUZA, H.M.R. *Turismo na “Terceira Idade. Expectativas e Realidades”*. Dissertação (Mestrado). ECA - Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2002.
- TEIXEIRA, I.N.O; NERI, A.L. “Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida”. *Revista Psicologia USP*, São Paulo, v. 19, n.1, p. 81-94, jan. 2008.
- TOGNON, M. “Patrimônio Cultural Rural Paulista: espaço para pesquisa, educação e turismo: (oitava chamada para o Programa de

Pesquisas em Políticas Públicas da Fapesp – PPPP/2007)”. Cidade Universitária Zeferino Vaz, Campinas, SP: Centro de Memória – Unicamp, 2007.

NOTAS

1 - Texto apresentado em forma de comunicação no 2^a Seminário de Patrimônio Agroindustrial - Lugares de Memória, 2010, USP / São Carlos – SP.

2 - Tais termos, utilizados em vários programas gestados pelo poder público ou por empresas turísticas, que fugindo dos termos velho ou idoso, tentam ideologicamente afastar a

realidade da velhice vendendo a idéia de que o lazer e o turismo rejuvenescem.

3 - O turismo de massa abrange tanto o turismo de grupo como o turismo social. A diferença entre ambos reside no fato de que o primeiro tipo pressupõe indivíduos com disponibilidade para realizar viagens de férias com recursos próprios, sem qualquer forma de subvenção. O segundo tipo se caracteriza pelo vínculo com empresas – públicas ou privadas – que organizam viagens turísticas, e as subvencionam total ou parcialmente. (BACAL, 2003: 133-135)